COMPREENSÃO DA PRÁTICA CULTURAL AFRICANA ENTRE A TRADIÇÃO E OS LIMITES: MUTILAÇÃO GENITAL FEMININA NA GUINÉ-BISSAU PRATICADA NA SETOR AUTONOMO DE BISSAU ANOS DE (2001 – 2003)

Abibatu Djaló
mamubidjalo@hotmail.com

Resumo

O presente artigo de conclusão de curso é resultado de trabalho da monografia em Bacharelado em Humanidade e tem como foco, a discussão teórica para melhor compreensão do assunto sobre rito de iniciação feminina e/ou rito de passagem, na Guiné-Bissau, prática mutilação genital feminina visto como uma prática prejudicial na vida das meninas e mulheres, neste caso buscamos refletir sobre os ritos a partir dos grupos étnicos a partir das suas realidade. Turner (1972) caracteriza inicialmente o ritual como um agregado de símbolos, procurando mostrar os mecanismos através dos quais o pesquisador pode penetrar neste universo e produzir análises consistentes e válidas. Dessa maneira o trabalho vai dialogar e articular teoria com entrevista de campo com estudantes guineense muçulmanos da Unilab-Ceara.

Palavras Chave: Guiné – Bissau, Mutilação Genital, Religião.

1 - INTRODUÇÃO

O presente artigo, tem como finalidade de analisar a prática de Mutilação Genital Feminina (MGF) na Guiné-Bissau a partir dos pedidos de 2001 a 2003 considerando-se que foi o período que mais houve a prática de MGF no leste do país. Nesse sentido o artigo visa desenvolver no circuito de pretender saber e analisar pesquisas e trabalhos desenvolvidos para a sua abolição e procurando de outro lado entender as dificuldades em controlar as resistências das fanatecas. Assim, pretende-se compreender de modo geral a analisar os desafios enfrentados pelas autoridades e ONGs, principalmente focando na atuação de ONG Sinim Mira durante o período de 2001 a 2003, no bairro de Bissack nos redores de capital Bissau. Portanto, procuramos entender de maneira geral a importância da abolição da pratica no país, também avaliar os desafios enfrentados pelas autoridades competentes. Mais à frente, o problema para essa pesquisa, é de procurar saber se de fato é possível acabar com a pratica de MGF?

Esse artigo além da discussão teórica, também faz uma análise empírica através das entrevistas com estudantes muçulmanos na Unilab-CE. Pretende-se, dessa forma, apontar de uma forma não genérica como é feita os trabalhos de eliminação da mesma prática na zona leste da Guiné-Bissau, dialogando com entrevistas feitas com estudantes da Guiné-Bissau no Estado de Ceara, o objetivo ambicionado é de analisar atenciosamente a atuação das autoridades na diminuição da pratica MGF.

Entretanto, entendemos que o artigo pode facilitar e ajudar o Estado Bissau guineense a descobrir as dificuldades e lacunas das resistências das fanatecas, também a pesquisa ajudara a própria sociedade guineense a entender por que das resistências dessa prática.

Portanto, no primeiro momento o artigo trata-se de discussão teoria para a melhor compreensão da mutilação genital feminina na realidade africana e Bissau guineense, como são os efeitos e os seus procedimentos na pratica parcial dos órgãos externos femininos, no segundo momento vamos assentar debate de rituais de iniciação dos grupos étnicos do pais como os mesmos rituais é feito entre etnias, em terceiro e último momento o interesse é de descobrir a compreensão dos estudantes Bissau guineense da Unilab-Ceara sobre rituais de iniciação feminino especialmente o fanado.

2 – MUTILAÇÃO GENITAL FEMININA (MGF): UMA DISCUSSÃO TEÓRICA PARA ENTENDIMENTO DA REALIDADE BISSAU GUINEENSE

A mutilação genital feminina, também conhecida por excisão, circuncisão, ou fanado, “define-se como sendo qualquer procedimento que envolva a remoção total ou parcial dos órgãos genitais femininos externos, ou que provoquem lesões nos genitais femininos por razões não médicas” (BRADDY & FILES, apud OLIVEIRA, 2012, p. 1).

“A prevalência deste costume reporta para milhões de mulheres em todo o mundo, contudo, a Organização Mundial de Saúde considera ainda que, todos os anos, 2 a 3 milhões de mulheres estão potencialmente em risco de ser submetidas a estas práticas” (GRUPO DE JURISTAS, 2008; JORNAL OFICIAL DA UE, 2009 apud OLIVEIRA, 2012, p.1).

De acordo com Oliveira (2012, p. 1), “a maioria das sociedades defende que esta prática é necessária para a educação de uma menina e preparação para a sua vida adulta e casamento. Tradição cumprida em nome da religião e da cultura”. Portanto, foram classificados os diferentes tipos de mutilação pela OMS em seu informe de 1998 (apud OLIVEIRA, 2012; JUEZ, 2002) da seguinte forma:

Tipo I: a Clitoridectomia, que consiste na remoção total ou parcial do clitóris ou da pele que o cobre;

Tipo II: a Excisão, que se baseia na remoção total ou parcial do clitóris e dos pequenos lábios, com ou sem excisão dos grandes lábios;

Tipo III: a Infibulação, que se conhece como o estreitamento do orifício vaginal através da criação de uma membrana selante, pela corte e aposição dos pequenos lábios e/ou dos grandes lábios, com ou sem excisão do clitóris. Ou seja, deixa-se um orifício para a saída da urina e a menstruação. Esta prática, também chamada mutilação faraônica é comum em alguns países como Sudão e Egito.

Tipo IV: Não classificáveis: que inclui todas as intervenções prejudiciais aos órgãos genitais femininos por razões não médicas, como por exemplo, a perfuração, a incisão, a escarificação e a cauterização (APF, 2009).

Estima-se que esta prática seja executada em cerca de 30 países do continente Africano, alguns países Asiáticos e do Médio Oriente. No entanto, o fenómeno crescente da migração tem feito aumentar o número de raparigas e mulheres que, mesmo vivendo fora do seu país de origem, passam por esse processo ritual. Sendo que

“O ritual da circuncisão é uma forma de estar, no ritual de passagem à vida adulta, algo muito antigo em termos culturais” (testemunho da matriarca de uma aldeia no Quênia, apud OLIVEIRA, 2012, p.2).

“Se forem [iniciadas], as meninas já podem vestir roupa interior, serão mais responsáveis, encontrarão um marido. São mulheres mais completas e respeitadas. Se não forem, são discriminadas” (testemunho da matriarca de uma aldeia no Quênia,

apud OLIVEIRA, 2012, p.3).

Sabe-se que a MGF é praticada, na sua maioria, entre os 4 e aos 14 anos de idade por membros mais velhos, geralmente mulheres, da comunidade onde estão inseridas (UNICEF, 2005; JUEZ, 2002).

De acordo com Juez (2002), a idade e a maneira em que se realiza esse ritual de passagem e/ou iniciação varia de um país para outro, de uma etnia a outra e inclusive dentro de uma etnia, e até de uma família a outra. Por outro, a sua realização em uma área urbana ou rural.

Trata-se de um ato, na grande maioria dos casos, efetuado sem anestesia em que a criança ou mulher é presa na posição ginecológica por outras pessoas. Os instrumentos utilizados são desde tesouras, facas, pedaços de vidros, pedras pontiagudas e até lâminas e não são esterilizados. “O facto de se tratar de um procedimento comum e contínuo, os mesmos utensílios são usados para iniciar outras raparigas e isto pode levar à transmissão de doenças ou, em casos mais graves, à morte” (BRADDY & FILES, 2007 apud, OLIVEIRA, 2012, p.3).

Segundo Juez (2002), atualmente, pessoas de nível socioeconômico alto e residindo nas áreas urbanas, para além de chamar a fanateca, preferem contratar cirurgiões que são profissionais da área de saúde.

Oliveira (2012) afirma que são vários os motivos que levam à MGF. No que toca aos motivos socioculturais, algumas sociedades acreditam que as raparigas “meninas” não se tornam mulheres maduras enquanto não forem submetidas a esta prática. Uma prática considerada necessária para a educação de uma menina e preparação para a sua vida adulta e casamento. Todavia, devido à pressão social a que estão sujeitas pelos seus pares, as próprias raparigas podem desejar ser submetidas a este ritual de passagem, pois deparam-se com o medo da estigmatização e rejeição pelas suas comunidades caso não sigam a tradição. Além disso, na maioria dos locais onde é praticada, a MGF é encarada como uma cerimónia onde são concedidas celebrações, reconhecimento público e ofertas (e.g., presentes, dinheiro e comida) (APF, 2009).

No entanto, apesar de muitas comunidades associarem a religião à prática de MGF, nenhum dos textos sagrados, Cristão, judeu ou Muçulmano, prescreve a MGF como sendo um feito religioso (OLIVEIRA, 2012).

As opiniões emitidas pelos líderes religiosos na maioria das vezes são distintas. Pois, por um lado, existem uma maioritariamente comunidades muçulmanas que apoiam a prática e tendem a considerá-la um ato religioso ou a encarar a eliminação da MGF como uma ameaça à religião, por outro, existem as comunidades que apoiam a sua eliminação (APF, 2009).

De acordo com Juez (2002), a prática da MGF é anterior ao islão e não é habitual entre os países muçulmanos, mas adquire dimensão religiosa em alguns países muçulmanos. Mesmo em países em que a MGF é comum, existem divergências entre diferentes líderes religiosos, pois uns defendem a sua prática e outros não. Os outros defendem que, de acordo com a religião islâmica, a MGF é proibida, logo não é uma questão religiosa. Juez (2002b) reconhece que, algumas muçulmanas são mutiladas e, quem o faz está a ir contra os princípios básicos do Islão. Entretanto, trata-se de uma prática comum entre os muçulmanos e cristãos coptas egípcios. Embora sejam apresentadas justificações de carácter religioso para o exercício desta prática, a MGF não é ditada por nenhuma religião.

Quanto aos motivos socioculturais, a maioria das sociedades defende que esta prática é necessária para a educação de uma menina e preparação para a sua vida adulta e casamento. Trata-se, portanto, de uma tradição inevitavelmente cumprida. Tudo em nome da religião e da cultura, muito embora “os usos e costumes não devem ser abandonados. Há uma tendência para monopolizar a civilização e cultura dos outros. Não deviam pôr em causa os nossos valores” (BRANCO, 2002 apud OLIVEIRA, 2012, p.4).

Assim, acredita-se que as principais razões que levam ao cometimento desta prática devem-se ao facto da MGF tem sido tornado uma parte relevante para a identidade cultural das mulheres como forma de empoderamento e, maturidade para integração na comunidade. Por isso, alguma voz afirma que

“Não é crime, não pode ser crime, porque é a nossa tradição. É um símbolo da nossa identidade, uma forma de continuarmos a saber quem somos, fora do nosso país” (testemunho de um membro da Associação de Muçulmanos naturais da Guiné em Portugal apud OLIVEIRA, 2012, p.5).

Essa ideia de que a prática de mutilação não é crime tem a ver com própria a ideia de alguns muçulmanos pensa, isso é principal motivo de resistência por parte de população guineense, mas é muito importante que os ONGs se reforcem as sensibilizações nas zonas que tem mais resistência da prática de Mutilação Genital Feminina.

3 - RITUAL DE INICIAÇÃO NA GUINÉ-BISSAU “O FANADO”

De acordo com Paula da Costa (2011), na Guiné-Bissau todos os grupos étnicos realizam o Fanado (ritual de iniciação). Para os rapazes ou homens, depende de cada grupo, o Fanado culmina com a circuncisão. Alguns grupos étnicos têm o Fanado das meninas ou jovens mulheres. Nos grupos islamizados o Fanado das meninas culmina com a “corte” (mutilação

genital feminina). Em vários grupos o tipo de corte também é diferenciado: remoção total ou parcial do clitóris. Constata-se, ainda, que existem pequenos grupos no norte do país que fazem a infibulação.

O Fanado realiza-se, normalmente, na floresta – em sítios isolados – onde nenhum elemento da comunidade pode entrar durante o período do ritual – 4 a 5 semanas.

Nos centros urbanos, o Fanado é realizado nos bairros da periferia das cidades e longe das habitações. Ou seja, o Fanado é efetuado em terreno sagrado e com a participação e aceitação de várias divindades locais – assim as divindades das religiões tradições africanas cruzam-se com as crenças muçulmanas.

Assim, Costa (2011) afirma que o Fanado tem os seus próprios protetores espirituais que terão como função não permitir a entrada de pessoas estranhas ao ritual, nem de forças malignas. As Fanatecas (cirurgiãs e/ou excitadoras femininas) e os Fonadores (cirurgiões e/ou homens que fazem a circuncisão) são os instrumentos desta ligação entre o mundo real e o mundo espiritual. Deste modo, durante esse período os jovens ou crianças adquirem conhecimentos sobre a vida, normas de comportamento dentro da família e da comunidade. Reforça-se a questão do pertencimento de um, ligado as questões étnicas e culturais. Muitas vezes os participantes nos Fanados (crianças, jovens ou adultos) são alvo de violência física e psicológica, como forma de preparação para a vida adulta.

No último dia do Fanado a casa que é construída para o Fanado, “Barraca”, e as esteiras utilizadas no Fanado são destruídas e queimadas no fim do ritual.

A família é o suporte económico do Fanado: alimentação, roupas, pagamento às pessoas responsáveis (madrinhas) no Fanado. Toda a comunidade sente-se envolvida neste processo ritual de iniciação.

O pagamento é feito através de dinheiro ou de bens: arroz, sabão, panos, etc. Este pagamento é uma parte importante e fundamental para o rendimento económico das famílias das Fanatecas (excitadoras).

Na sequência também, iremos apresentar contextualização juntamente com algumas falas e opiniões das pessoas participantes dessa tradição ritual com nomes fictícios. A participação no Fanado dá às crianças e aos jovens ou aos adultos um estatuto mais elevado dentro do seu grupo étnico. Também lhes possibilita ter acesso a outros níveis de escalões etários – que lhes são vedados ao não participarem nestes rituais. Sendo que, uma menina que ainda não participou da excisão é vista na sociedade (aldeia) duma forma desonrada, ou desrespeitada”. Uma mulher que já passou por essa pratica é tratada de uma maneira respeitosa,

ela pode participar de todas as reuniões de sua comunidade. Como pode-se perceber na voz de uma das entrevistadas “Na minha cultura [...] a pessoa que não passou pelo rito de iniciação é tratada como se fosse uma pessoa não purificada, e não pode participar nos assuntos da comunidade [...]” (IAMA)

A entrada na casa do Fanado é feita através do chamamento de tocadores de tambor que circulam pelas aldeias ou pelos bairros. É frequente que meninas não muçulmanas sejam motivadas para entrarem no Fanado muçulmano. Quando isto acontece e os pais querem retirar as suas meninas do Fanado há conflitos dentro da comunidade. Segundo a lei do Fanado, quem entra não pode sair.

Segundo Costa (2011), a polícia já foi envolvida em alguns casos de resgate dessas meninas. Vale notar que tem pais e parentes não muçulmanos que enviam suas filhas para o fanado. É comum ouvir dizer que pessoas de etnias com poucos muçulmanos, “incluindo católicos, já passaram pelo fanado” (NAQUEBA).

Portanto, vale ressaltar que dentro do fanado há uma cumplicidade entre os participantes e também um pacto de silêncio do que se passa lá dentro. Muito raramente uma pessoa fala do que aconteceu a si próprio ou aos outros. Pois, é um assunto que se torna um tabu.

[...] Eu não falo sobre o fanado com ninguém. É segredo. Segundo os ensinamentos que recebemos na aldeia, a gente não pode falar das coisas que aprendemos e passamos lá. Não podemos falar sobre o fanado com pessoas que ainda não são purificadas (IAMA)

Segundo Costa (2011), mesmo quando há informações de morte dentro do Fanado – as pessoas não relacionam essa morte com o ato da mutilação genital feminina ou circuncisão. Normalmente as justificações para essa morte são de carácter místico externo ao Fanado – intervenção de forças estranhas ao Fanado. A autora citada acredita que esta forma desresponsabiliza qualquer pessoa que tenha tido intervenção direta ou indireta na morte. A *Masirem*, uma de nossas entrevistadas, chegou a passar mal desde o primeiro dia do fanado e lhe disseram que era uma menina que tem visão de ver coisas por além que é chamado de médium (poutero)¹. Como demonstra a fala dela:

[...] Eu passei mal no início da cerimônia [...]. Me lembro que quando chegou na minha vez amarraram a minha cara, e depois quando começou a ficar difícil disseram que era poutero (menina médium, e levou muito tempo para terminar e sofri muito. As velhas batiam em mim [...]). (MASIREM)

¹ Poutero(médium): É a pessoa que, supostamente, possui dons ou capacidades para perceber ações, situações ou coisas sobrenaturais

Quando termina o Fanado as crianças, jovens ou adultos são entregues à comunidade numa grande festa coletiva da passagem ritualista. Os participantes recebem presentes dos familiares e da comunidade. De fato, tendo o Fanado esta importância e valor dentro da comunidade, não é uma boa estratégia fazer uma luta contra este ritual de iniciação. O que acontece é que hoje em dia “ONG e profissionais de saúde começaram a trabalhar no sentido de desestimular o envio das filhas no fanado. Dizem que faz mal [...]”.

(NHALIM). Na verdade, o certo seria que as ONGs locais, juntamente com as comunidades encontrassem formas de transformar estes rituais de iniciação mais modernos e inovadores, e sem a mutilação genital feminina. A Naquela, uma de nossas entrevistadas, afirma que os ritos de iniciação feminino (fanado) não precisam ser proibidos, mas “algumas coisas precisam ser mudadas ou eliminadas”, a exemplo do uso da mesma faca, pois muitas das vezes “a mesma faca é usada para 300 ou 400 pessoas, por tratar-se de uma faca que a fanateca herdou de uma parente” (NAQUEBA).

4 ANÁLISES E VISÕES DE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIAS DA UNILAB-CE SOBRE RITO DE INICIAÇÃO FEMININA: ENTRE A TRADIÇÃO E LIMITES NA GUINÉ-BISSAU

No ano de 2001 a 2003 uma ONG guineense Sinim Mira, financiado por ONGs alemã, *wfd – weltfriedensdienst e.v.*, implementar um projeto em defesa da integridade física de meninas, co-financiado também pelo Ministério da Cooperação Económica e Desenvolvimento (BMZ, sigla em alemão). Objetivo do projeto foi o de proteger um maior número possível de meninas e jovens mulheres da mutilação genital e das suas consequências em todo o país, onde participaram 434 meninas.

Para isso, nessa sessão, o nosso interesse é desvendar a percepção que as estudantes guineenses da Unilab têm sobre os ritos de iniciação feminino, em especial o fanado. Durante as entrevistas ficou claro que uns números consideráveis dessas meninas passam pelo processo ritual do fanado quando eram crianças, principalmente de um a cinco anos. A iniciativa de enviar a filha ao fanado tem sido das parentes mais velhas, em especial as avós maternas, com ou sem o consentimento dos pais, o que pode causar desentendimentos no seio da família. A probabilidade de uma filha escapar do fanado se dá quando um dos membros da família tem

uma instrução elevada ou trabalha em ONGs. Algumas entrevistadas foram submetidas a excisão entre a idade de 1 a 5 anos e as outras nem conseguem se lembrar da idade que passaram pela mesma. A **Nenegale** foi enviada ao fanado com os (3) três anos de idade, a **Masirem** foi com os (5) cinco anos e há duas interlocutoras (**Naqueba** e **Iama**) que segundo os pais foram excisadas entre zero (0) a um (1) ano de idade.

Eu não sei acho que deve ser quando eu tinha 2 ou 3 anos de idade porque foi no período do conflito militar 7 de junho em 1998, quando fomos para o interior do país, na aldeia que refugiamos existe a prática de excisão feminina, as mulheres mais velhas me submeteram essa prática sem o consentimento do meu pai, não sei se a minha mãe sabia ou não, mas o meu pai não soube, ele veio a saber depois que eu já fui excisada e ficou bravo, na altura não tinha mínima noção dessa prática, me contaram depois que eu tinha na altura 2 ou 3 anos de idade (MARIATU, entrevista 3)

Na percepção da maioria das entrevistadas, a prática da excisão feminina ou fanado tem a ver com a questão cultural, mas não por motivações de cunho religioso. A verdade é que as opiniões emitidas por essas interlocutoras não são unânimes. A **Umo Cairo**, por exemplo, diz que na Guiné-Bissau só as etnias que constituem a religião muçulmana é que fazem a prática da excisão feminina, mas reconhece que em outras etnias são apenas os homens que são submetidos ao fanado. A **Nenegale**, outra entrevistada, diz que é comum escutar rumores que todas as mulheres da religião muçulmana devem purificar e para se purificar tem que passar pela excisão.

Oliveira (2012) mostra que apesar de muitas comunidades associarem a religião à prática do fanado, verifica-se que os livros sagrados, Cristão, judeu ou Muçulmano não prescrevem essa prática como sendo algo obrigatório. Para **Naqueba**, salientou que na base do seu costume étnico a excisão é praticada com o intuito de prevalecer ou dar credibilidade a voz e o respeito perante o meio social.

Dois entrevistadas (**Mariatu** e a **Masirem**) afirmaram que foram forçadas a se submeterem à prática da mutilação genital feminina. Já a **Nenegale** e **Iama** disseram que não foram forçadas e outras duas (**Naqueba** e **Nhalim**) não se recordaram se foram forçadas ou não porque na altura eram menores de idade.

Quando perguntadas sobre as principais consequências para aquelas que são forçadas a passar pelo rito de iniciação feminino (fanado) as entrevistadas **Mariatu** e **Nenegale** alegaram que não sabem das consequências, porque não sentiram nenhuma diferença nos seus corpos. A **Mariatu** diz que ouviu dizer que a mulher pode vir a ter complicações no momento de parto. Já que ela ainda não é mãe, não tem como saber, “talvez no futuro”. As entrevistadas **Umo Cairo**, **Masirem**, **Naqueba** e **Nhalim** reconhecem que as consequências são negativas. O uso

de uma única faca para todas as meninas, pela *fanateca*, foi apontado como o pior ponto negativo, pois a probabilidade de transmissão de doenças é maior, o que em alguns casos chega a causar mortes.

Então nesse caso eu não vou poder responder para aquelas pessoas só que sei para nós que somos muçulmanos é um orgulho passar pelo fanado porque é minha cultura. Os familiares consideram as pessoas que não passaram pelo fanado como pessoas não purificadas, e não podem participar nas tomadas de decisão nos assuntos da comunidade. Para mim tem consequências positivas (IAMA, entrevista 4).

A Mariatu, Nenegale, Naqueba, Nhalim e Iama afirmam que não conseguem lembrar-se das etapas de realização da prática de mutilação genital feminina. No caso da entrevistada Umo Cairo, por exemplo, só sabe dizer que foi levada numa casa bem velha e depois foi chamada para entrar no banheiro. Neste lugar estavam algumas mulheres mais velhas, e assim que ela se deitou pegaram as suas mãos e começaram a realizar a excisão e as outras mulheres colocaram mãos na sua boca. A Masirem, afirma que não se lembra de tudo, pois no início da cerimônia passou mal. A única lembrança que ela tem é da grande festa que foi realizada um dia antes da sua ida para o fanado.

Para dizer a verdade não me lembro de todo mais lembro das algumas coisas porque eu passei mal no início da cerimônia eu lembro porque fazem grandes festas depois disso fomos na mata aí me lembro quando chegou na minha vez amarram a minha cara e depois no momento está ficando difícil disseram que eu sou (pouterá) menina médium e levou muito tempo para terminar e sofri bastante. As velhas batiam em mim e disseram que sou especial. Lembro-me que no final tinha festa, só que eu não pude assistir a festa, e acabei voltando para casa dos meus Avós paternos (entrevista 5).

Ao perguntar se existem as mulheres das outras etnias além dos que fizeram parte da etnia muçulmana que sonham passar pelo ritual de excisão, as entrevistadas **Mariatu**, **Umo Cairo** e **Nhalim** acham que não, é as entrevistadas **Nenegale**, **Masirem** e **Naqueba** disseram que sim, a quarta entrevistada afirma que há outras pessoas que gostam da religião e admiram a cerimônia e seguem tudo que encontra na bíblia sagrada que é Alcorão. Para quinta entrevistada, já existem muitas pessoas das outras etnias de alta categoria da sociedade guineense que já passaram por ritual, no caso dos músicos e das outras etnias que na sua maioria seguem a religião católica. A entrevistada **Iama** vai dizer que não sabe das outras etnias que não pertencem à religião muçulmana, mas para aqueles que pertencem a religião fazem.

Referente aos questionários, o que as mulheres da sua etnia pensão a respeito da importância dos ritos de iniciação feminina? Na da **Mariatu**, ela demonstra que não tem muito conhecimento sobre essa prática, ela é feita mais no interior do país, cresceu em Bissau não tem conhecimento sobre a mesma, o contato que ela tinha é mais com as outras religiões, ela viu aquelas cerimônias de tambor e soube que há meninas que vão ao fanado, mas não tinha muito

conhecimento da sua religião e a prática da excisão é feita na sua maioria parte no interior do país. Segundo a **Umo Cairo**, ela acha que isso é uma prática cultural por isso é importante. Na concepção de **Nenegale**, ela acha que agora maioria das pessoas tem visão diferente, mas antigamente achavam que é obrigatório era uma coisa que deve ser feita, um ritual para uma mulher ser puro tem que passar pela mesma, mas agora muitas têm visões diferentes.

A **Masirem** repisou o que ela já tinha dito, de que as pessoas pensam é uma coisa obrigatória. Para que uma menina seja muçulmana pura tem que passar nessa fase, tem que fazer isso é uma coisa que eles têm na mente. A **Naqueba** afirma que, elas, ou seja, as pessoas que realizam a circuncisão pensam bem, porque é uma coisa herdada de geração a geração, é uma prática que lhe permite ter mais respeito perante a sociedade muçulmana. Na concepção da **Nhalim**, essas mulheres pensão que os que foram ao fanado são mais respeitadas, e é muito importante porque é a tradição e a cultura dos seus antepassados. Segundo a **Iama**, acham isso uma coisa legal, porque na comunidade muçulmana as mulheres que passaram pela circuncisão elas são mais respeitadas no meio dos muçulmanos, dizem que são purificadas, e estas pessoas é que podem participar em qualquer cerimônia durante o mês sagrado de Ramadão, pelo que eu escutei os mais velhos a dizerem.

Perguntando porque é que as mulheres que passam pelo fanado são mais respeitadas, a **Mariatu** afirma que não sabe. A **Umo Cairo** salienta de que, não é em todas as etnias da Guiné-Bissau, que pratica a excisão feminina, mas sim nas etnias que fazem parte da religião muçulmana, porque dizem a mulher que foi circuncisada é limpa por isso merece ser respeitada. Por outro lado, a **Nenegale** disse que em Guine Bissau os que não passaram pelo processo de excisão é vista pela comunidade de uma forma desrespeitada e nojenta. Para **Masirem**, não é que as circuncisadas são respeitadas em todas as etnias da sociedade guineense, ela afirma que é só os que pertencem a religião muçulmana, mas algumas pessoas agora mesmo pertencendo a religião não seguem estas regras e há aqueles que ainda seguem estas ideologias. **Naqueba** salienta que, é uma coisa cultural herdada e cada mulher que pertence a sociedade muçulmana sinta por obrigação, por vontade de passar pelo ritual com intuito de ter mais respeito e consideração pelo marido e pela sociedade muçulmana em geral. Para **Nhalim**, em outras etnias não pode afirmar, mas na etnia dela muçulmana é muito respeitada e valorizada.

Perguntando se há conflitos entre casais da religião diferentes, quando um deles decide mandar a filha por fanado, a **Mariatu** salienta que as brigas acontecem entre aspas porque a cultura de um faz e a cultura do outro não realiza a prática. Para **Umo Cairo**, as decisões devem ser dos dois, porque são religiões diferentes e etnias diferentes é um pouco

difícil antes de um decide dar ordem é melhor conversar para que possam encontrar a solução. **Nenegale** vai dizer que as brigas são constantes, todos os dias, como no caso da sua família segundo a mãe dela o pai não queria que elas fossem, a mãe os levou, quando o pai estava de viagem, segundo mãe o seu pai sempre foi contra. A **Masirem** salientou que os conflitos errão muitos até houve a briga. Vou falar de um caso muito perto a mim

Eu tenho uma tia que casou com um senhor de Guine Conacri aí aconteceu grandes conflitos porque o marido queria levar os filhos a minha tia não estava de acordo e ata o meu pai também entrou no conflito porque ele era contra o ato da pratica nesse caso os dois tem que estar de acordo senão gera brigas até pode chegar a separação (Masirem, entrevista 06, 2018).

Nesses casos haverá sempre conflitos, porque as mães quanto aos pais todos têm o direito na filha não cabe uma delas quer que a filha fosse submetida à prática de excisão e o outro não, as decisões devem ser tomadas na base do consenso das duas. A **Naqueba** vai dizer que isso já é um problema familiar, mas ela viu mesmo essa briga acontece na sua família, o tio dela é da religião muçulmana e a mulher é cristã, mais só que a mulher não concordava, mas o seu tio, a sua tia, inclusive a mãe dela todos estava de acordo, porque o ritual da iniciação é praticado na família, é uma cultura da etnia delas, a mulher do seu tio não tinha muita força de tomar decisão e as suas primas foram submetidas eram quatros meninas. Para Nhalim,

Antigamente o fanado era muito valorizado no meu pai e na minha etnia e algumas etnias também, mais desde que os ONGs começaram a trabalhar nesse assunto e os profissionais de saúde dizem que faz mal é por isso que eu acho que gera briga entre os casais de religião deferente até religião iguais se o casal tem visão deferente claro que vai ter brigas (Nhalin, Entrevista 07, 2018).

Pois é, a maioria parte das etnias que fazem essa prática não tinha noções das consequências que isso causa na vida das mulheres através de uso da mesma faca. Quando ONGs e profissionais de saúde começaram a fazer sensibilização, demonstrando impactos negativas causada pela mutilação genital, algumas pessoas começaram a ter noções de impedir que as suas famílias fossem submetidas a prática.

Porem, **Iama** afirma que, na verdade as vezes surti sim o conflito entre os casais de diferentes religião ou entre duas pessoas que têm culturas deferentes, porque cada um quer respeitar a cultura dele por exemplo, se ela fosse casada com um cristão, e se quer praticara a sua cultura, obrigar as suas filhas submeterem o ritual da iniciação feminina, o seu marido não vai aceitar porque muitos cristãos são contra a prática, dizem que faz mal sem saber, isso sempre conduz no conflito.

Dando a resposta da pergunta, de como o rito de iniciação contribuiu na educação das meninas submetidas a prática, as entrevistadas **Mariatu, Umo Cairo e Masirem** disseram que a prática da excisão não contribuiu para educação delas, a **Mariatu**

salienta que no caso dela não observa nenhuma educação, porque para uma mulher ser circuncisada é uma prática muito difícil psicologicamente causa problemas nas mulheres a pessoa fica traumatizada e também causa danos físicos. A **Masirem** salienta que, no caso dela não tinha nenhuma contribuição no que se refere a educação. Porque há dois tipos de fanado Sini mira ou Cunimira, no fanado da Sini mira a pessoa aprende muitas coisas boas no que tange a prática do artesanato lã, neste tipo de fanado não há corte da genitália, as meninas só aprendem coisas boas, enquanto que na Cunimira a pessoa não aprende nada, se não é sofrimento e muita dor.

A **Nenegale**, diferente das três, afirma que sinceramente ela não sabe, porque na verdade dizem quem foi para aquele rito fica mais educada por causa da aquela temporada que as pessoas passam por lá, entre dois ou três meses, mas no caso dela só foi alguns procedimentos depois voltaram para casa, mais quanto a educação ela acha que isso depende de base mesmo da família.

Referente a mesma questão **Naqueba**, **Nhalim** e **Iama** afirmam o contrário das outras, para elas essa prática contribuiu muito nas suas educações, a **Naqueba** confirma que a prática contribuiu muito na sua educação, porque ela fez a primeira fase quando era criança e a segunda ela fez na época quando tinha uns (12) dose ou (13) anos, aprendeu muita coisa boa como respeitar os mais velhos não é que ela não recebeu educação dos seus pais, mais durante o processo da excisão isso reforça mais, ela aprendeu muitas coisas sobre o artesanal e conversar com gestos e sinais, que ela acha muito interessante. A **Nhalim** veio a reforçar que, a prática de excisão tem grande contribuição na educação das mulheres faz com que respeitam mais e se valorizar cultura dos outros e saber respeitar os mais velhos e os menores.

A **Iama** também deu a sua contribuição sobre a boa prática educativo durante esse processo, no ponto de vista dela o processo da excisão feminina tem grande contribuição no processo educativo, principalmente para elas que são da etnia fula, ela não sabe das outras etnias que são da religião muçulmana, porque para as fulas não é só chegar e fazer a circuncisão dentro das barracas durante um mês ou dois meses, mas aprendem muitas coisas como respeitar os mais velhos ou cuidar da casa ou das suas irmãs mais pequenas e respeitar o marido, há sinais e códigos que elas aprendem na barraca, esses sinais e códigos são conhecidas só para quem já passou pela prática.

Correlação a esse questionário, as entrevistadas **Mariatu**, **Umo Cairo**, **Nenegale**, **Masirem** e **Nhalim** acharam que essa prática devia ser eliminada, porque não há nenhuma explicação científica que demonstra as vantagens da mesma para vida e o bem-estar das

mulheres, por outro lado, vão dizer que as notícias veiculadas nos rádios e televisão confirma que essa prática causa problemas nas mulheres grávidas.

No caso das entrevistadas **Naqueba** e **Iama**, discordaram com a ideia da eliminação da prática, alegando que deve haver mudanças de algumas coisas que prejudica a vida da pessoa, por exemplo, o uso da mesma faca, lamina, etc., mas as outras práticas culturais devem permanecer. **Dando resposta a este questionário, se é possível uma mulher passar pelo rito de iniciação feminina (fanado), mas sem a necessidade de submetê-la à mutilação?**

As entrevistadas **Mariatu**, **Umo Cairo**, **Nenegale**, **Masirem** e **Nhalim** demonstram que existe a possibilidade de passar pelo ritual da excisão feminina sem a submissão da corte de clítoris. Dantes esta possibilidade não existia, com a criação do projeto *sini mira*, traz uma nova modalidade da prática, que é ensinar as meninas fazer corte e costura.

Na concepção das entrevistadas **Naqueba** e **Iama**, a prática de excisão não tem graça sem corte genitália, afirmando que isso não é fanado, perde o seu caráter, o que devia ser mudado é o uso da mesma faca por várias pessoas durante gerações. Perguntadas se as meninas que passaram pela excisão feminina sintam o prazer ou não, todas responderam que sintam, afirmando que questões das meninas não sintam o prazer não corresponde à verdade, a questão do prazer depende psicologicamente da pessoa. A entrevistada **Naqueba** lançou várias perguntas

(...) pesquisadora algumas garotas de programa já passaram pelo rito? ou se sofreram alguma mutilação? Porque eu assisti no programa de Record investigação tem uma mulher de (60) anos que começou a fazer a programa com (17) anos de idade até agora está fazendo a programa isso não tem nada a ver com o sexo é psicológico depende da pessoa, pode ser mutilada ou não, isso não tem nada haver (Naqueba, entrevista 08, 2017).

A entrevistada foi bem explicito na sua fala, a sua interpretação sobre a mesma, é de que essa garota de programa se sentia o prazer no ato sexual com a idade que ela apresenta, não ia continuar a fazer prática de prostituição, com certeza ela não sinta nenhum prazer por isso continua transando com vários homens, será que essa mulher passou pela prática de mutilação genital feminina?

Por outro lado, a entrevistada **Iama**, salienta que os boatos de que a mulher mutilada não sinta o prazer não corresponde verdade, afirma ainda que ela é uma mulher mutilada mas sinta prazer durante o ato sexual. Na base desse questionário as entrevistadas **Mariatu** e **Nenegale**, disseram que sintam normalmente, isso não faz muita diferença. A entrevistada **Umo Cairo**, vai dizer que, sentiria muito tranquila e não ficava com toda essa argumentação que as

pessoas ficam falando a respeito de quem passou pela prática e também os que foram forjadas até hoje têm traumas na cabeça.

No caso das entrevistadas **Masirem, Naqueba, Nhalim e Iama**, comungam a mesma ideia, de que sentiam incompleto perante as suas aldeias e comunidades, porque é uma prática das suas etnias e não possam ser indiferentes perante as outras meninas da aldeia. A (**Masirem, 2017**) vai dizer o seguinte “Hoje eu estaria mais feliz porque eu posso afirmar que eu tenho um pouco de medo não sei no futuro ainda não tenho filho quem sabe no momento de ter filho pode acontecer alguma coisa até nesse momento não me sinto nada mais fico com o medo”.

Ao perguntar as entrevistadas, se pediriam aos seus pais para passar no rito de iniciação feminina (fanado) se não passassem? Respondendo essa questão, as entrevistadas **Mariatu, Umo Cairo, Nenegale e Masirem** disseram que não, a entrevistada **Nenegale**, demonstrou que agora ela não vai ao fanado, porque agora ela sabe que é um procedimento que dá medo, o mais fácil é levar uma criança como no caso dela, foi submetida quando tinha (3) anos seria mais fácil nestas idades, mais quando já adulta, tipo uns (14) ou (15) anos fica mais difícil até por causa do medo também é um procedimento doloroso.

No caso das entrevistadas **Naqueba, Nhalim e Iama**, afirmam que vão pedir os pais a fim de submeterem a prática. A **Iama** salienta que, cresce e vê que excisão feminina é a realidade da sua etnia é a sua cultura claro que ia pedir. Perguntadas na base das suas experiências se aconselhariam outras mulheres a passarem pelo ritual, as entrevistadas **Mariatu, Umo Cairo, Masirem, Naqueba e Nhalim**, alegaram que não. A **Nenegale** apresenta certa dúvida sobre a sua decisão, onde demonstra que isso depende, porque agora estamos num mundo avançado, as pesquisas demonstram que durante a prática a pessoa corre o risco de apanhar infecção ou outras doenças, ela não sabe se vai dar o conselho ou não.

A **Naqueba** afirma que vai aconselhar sua filha a submeter a excisão. Para **Iama** vai dizer que na sua consciência acha que não aconselharia uma menina cristão, ou seja, católica para fazer a pratica porque para ela não tem importância mais para uma menina muçulmana ela aconselharia. **Ao questionar as meninas se já passaram por atitude de preconceito e discriminação pelo fato de ser uma mulher que passou pelo rito de iniciação feminina?** As entrevistadas **Mariatu, Umo Cairo, Nenegale, Nhalim, e Iama** alegam que ainda não passaram o preconceito por ter passado pela excisão feminina, porque não gostam de falar disso ao público, no caso da Iama disse que já tinha discussão com outra pessoa sobre o assunto, mas a questão do preconceito ela afirma que nunca passou.

Para **Masirem** e **Naqueba**, já passaram o preconceito. (**Masirem**, 2017), afirma o seguinte “sim eu passei eu me lembro até hoje o meu pai como ele é contra a prática, para ponto de vista dele não é coisa boa ele fala para mim flana pelo amor de Deus não comenta com ninguém”. O pai queria que ela não comentasse com ninguém que foi excisada. Mais ela passou o preconceito mesmo com as suas primas que não foram excisadas. Por outro lado, a entrevistada **Naqueba**, confirmou que, já passou por várias formas, de forma mais leve e pesadas, mas ela não se importo e foi também bem preparada para isso porque ela cresceu numa sociedade que maioria das pessoas são da religião cristã.

Na base do questionário se alguém é contra o rito de iniciação feminina (fanado), que conselho darias para as fanatecas)? Segundo as entrevistas **Mariatu**, **Umo Cairo**, **Nenegale**, **Masirem** e **Nhalim** o conselho que dariam é de abandonar a prática, porque prejudica a vida das mulheres. No caso das entrevistadas **Naqueba** e **Iama**, afirmaram que não são contra a excisão feminina, mas deram alguns conselhos, de não usar a mesma faca durante o processo de corte de clitóris, recomendam que as fanatecas não utilizassem uma faca por todas as meninas, cada pessoa deve ter uma faca que vai ser excisada com ele. Essa questão de uso de uma faca por todo mundo não é boa, mas as outras coisas que são ensinadas na barraca devem permanecer, a cultura deve ser permanecida. Outra sugestão que a **Naqueba** traz, e de colocar as fanatecas nos hospitais assim quando bebe nasce será submetida a excisão de imediata.

Na base do questionário, se antes de passar pelo rito de iniciação feminina (fanado), teve informações prévias do que aconteceria com você lá dentro? As entrevistadas responderam que não, não tinham mínimas noções do que ia acontecer na barraca, afirmaram que eram crianças na altura. A entrevistada **Iama** salientou que era criança e não sabia o que vai acontecer na barraca, mas mesmo sabendo ela adoraria com todo o prazer de ir ao fanado.

No que tange o seguinte questionário, se as entrevistadas soubessem o que aconteceria, aceitariam passar pelo rito de iniciação feminina (fanado), mesmo sabendo que serias submetida à mutilação genital? As respostas dadas pelas seguintes entrevistadas sobre essa questão, a maioria delas no caso da **Mariatu**, **Masirem**, **Nenegale**, **Umo Cairo** e **Nhalim**, afirmam que não iam passar pelo ritual. No caso das **Naqueba** e **Iama**, ao contrária das outras disseram que vão aceitar passar pelo fanado feminino.

Ao perguntar se é verdade que as mulheres que passaram pelo rito de iniciação feminina (fanado) sofrem mais durante o parto e, conseqüentemente, são as que mais passam por cesarianas, em relação aos que não passaram pelo fanado? **Mariatu** salientou

“como falei antes não sei e nunca perguntei as pessoas que já tens filhos”. Para **Umo Cairo**: “Sim porque a pessoa já sofreu uma alteração no seu órgão isso pode causar problemas”. Segundo a **Nenegale**: “Eu não sei porque ainda não tenho filhos mais pelo que eu vi muitas mulheres da minha zona são muçulmanas e elas parem mais quase todo ano elas parem eu acho se for por causa de riscos ou dor muitas delas não vão ter muitos filhos. Na fala de **Masirem** salientou o seguinte: “Essa pergunta não sei dizer porque eu não dei luz ainda”. Enfim, para **Naqueba**:

Não eu acho que não que aqui no Brasil que um país menos de 10/ por cento que são muçulmanas eu acho que nem esses muçulmanos passaram pelo rito mais é um país campeão na parte cessaria e lá em guine que um país que eu sei da realidade maiorias das pessoas partem para cessaria divido algum problema da saúde e alguns da àquelas pessoas são os que nem sabia como é fanado e nem passaram pelo fanado um exemplo concreto a minha avo mãe da minha mãe ela tinha (10) dez filhos e esses dez filhos todos foram parto normal é na casa ainda sem nem mínimas condição com parteiras leigas que dão assistência a ela e ela passou por fanado e a minha tia tens (7) filhos passou e a minha mãe tem dois filhos todos nos ela passou por cessaria mais isso depende cada caso é um caso e fisiologia da pessoas são diferente e não tem nada haver (Naqueba, entrevista 09, 2017).

Na fala de **Nhalim**: Disso não sei dizer porque eu não tenho filhos ainda. Para **Iama**: Não é verdade as mulheres que passaram pela circuncisão não são as que mais sofrem no parto a Guine Conacri é o exemplo disso nos vimos mulher de lá parem normal em casa sem passar pela cessaria e nem fazem pré-natal o menino nasce saudável e nem corre risco as vezes com ajuda das mulheres mais velhas da aldeia.

CONSIDERAÇÃO FINAIS

O presente Trabalho de Conclusão de Curso da Sociologia teve como objetivo um breve estudo sobre o rito de iniciação feminina na Guiné Bissau, tendo como foco a percepção que as estudantes guineenses da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) têm do rito de iniciação denominado no país *fanado* e/ou mutilação genital feminina. Iniciemos assim o estudo apresentando o quadro de debate teórico sobre as concepções que os autores têm de ritual de circuncisão na literatura internacional, entendido como estado de ordem e desordem que regulamenta relações socioculturais. Procurou-se apontar os caminhos metodológicos seguidos para a análise das informações de campo. A técnica usada baseou-se na pesquisa qualitativa, acompanhada de análise bibliográficas. Foram entrevistadas sete estudantes, de diferentes cursos. As entrevistas ocorreram na Unilab cujas questões giraram em torno das percepções que minhas interlocutoras têm do ritual de iniciação fanado. A análise aponta vários significados, todas elas ligadas as questões socioculturais.

Por um lado, há sentimento ao caráter sagrado do ritual, mas também, situações constrangedoras, riscos à vida, riscos à saúde, sofrimentos, dentre outras situações, geradores de dor. Por outro lado, existe uma visão positiva, do ponto de vista cultural. Nos últimos anos, o ritual tem-se diminuído sistematicamente a partir de ações de sensibilização de algumas ONGs, que lutam com a prática. Essa tendência vem crescendo a criação de uma lei que criminaliza e penaliza qualquer ato de gênero, pondo em casa à saúde sexual e reprodutiva de mulheres e meninas da Guiné-Bissau. Esperamos que o presente estudo abra o espaço para realização de novas pesquisas na área de humanidades, podendo servir de referência sobre as percepções femininas sobre o ritual de iniciação – o fanado na Guiné-Bissau.

REFERENCIAS

ABDALLA, Raqiyah Hadj Dualeh. *Sisters in Affliction: Circumcision and Infibulation in Africa*, London, Zed Press, 1982. COSTA, Paula da. **A Mutilação Genital Feminina na Guiné-Bissau**. Disponível em: <http://contramgf.blogspot.com.br/2011/01/mgf-naguinebissauunicefestimauma.html>. Acesso em 03 jul.2018

COSTA, Paula da. **A Mutilação Genital Feminina na Guiné-Bissau**. Disponível em: <http://contramgf.blogspot.com.br/2011/01/mgf-naguinebissauunicefestimauma.html>. Acesso em 03 jul.2018

INE-GUINÉ-BISSAU. Disponível em: http://www.stat-guinebissau.com/pais/organizacao_administrativa.htm. Acesso em: 17 de set. 2018.

JUEZ M^a Casilda Velasco. **LAS MUJERES EN EL AFRICA SUBSAH.ARIANA**. https://www.researchgate.net/publication/269397865_Las_mujeres_en_el_Africa_subsaariana_Antropologia_literatura_arte_y_medicina. Editorial planeta. S. A., 2002. Acesso em: 22 out. 2018.

OLIVEIRA, Maxwell Ferreira de. **Metodologia científica: um manual para a realização de pesquisas em Administração**. Catalão: UFG, 2011.

SUBUHANA, Carlos. **A Circuncisão Como Rito de Passagem na Problemática da Cultura Moçambicana: Os Casos da Cultura Yao e da Igreja Católica (enculturação)**. 2001. 131 p. Dissertação (Mestrado em Antropologia e Sociologia) – IFCS/PPGSA/UFRJ. Rio de Janeiro, 2001.

UNICEF. UNICEF. **urges end to Female Mutilation /and cutting .A stastical exploration.Nova York, EUA**. 2005. Disponível em: <http://www.unicef.org/publications/index-29994.html>. Acesso em: 04 dez. 2018.